

DÍVIDA EXTERNA

País pagará US\$ 7 bilhões

Governo diz que aumento do valor do serviço da dívida este ano não altera metas

BRASÍLIA — Os pagamentos do serviço da dívida externa poderão chegar este ano a US\$ 7 bilhões. O embaixador Jório Dauster, em entrevista à *Agência Estado*, disse que o pagamento de US\$ 7 bilhões — a previsão inicial era de US\$ 5 bilhões — não significa uma alteração da estratégia de negociação da dívida e muito menos uma concessão aos credores. Trata-se de um valor que está dentro das metas de controle monetário, do déficit público e de proteção das reservas cambiais, e não afeta a política de combate à inflação. “Os US\$ 5 bilhões foram um número que surgiu durante a campanha eleitoral”, disse o embaixador.

Mas os bancos privados, que têm feito pressões para o Brasil reiniciar o pagamento dos juros atrasados, que somam mais de US\$ 7 bilhões, não vão receber nada antes de um acordo global para as dívidas de médio e longo prazos. Os pagamentos obedecem a uma prioridade rígida: em primeiro lugar, o Fundo Monetário Internacional (FMI); depois o Banco Mundial e o BID; em terceiro o Clube de Paris; e por último os bancos privados. Somente o FMI, Bird e BID estão recebendo. “Trata-se de uma questão aritmética: não podemos pagar os atrasados porque eles equivalem às nossas reservas”, disse o embaixador.

A hipótese de que os atrasos possam ter como consequência uma interrupção dos créditos de curto prazo, que financiam o comércio exterior brasileiro, não assusta Dauster. Ele disse que tem feito

queiros sobre o que aconteceria se essas linhas fossem voluntárias e não compulsórias, como são atualmente. “A maioria responde que continuaria com os financiamentos”, disse o embaixador. Mesmo assim, Dauster garante que o governo brasileiro mantém alguns trunfos para sustentar as linhas de financiamentos ao comércio exterior, caso as linhas regulares sejam suspensas. Mas não quis revelar quais são esses trunfos.

O Bank of América já comunicou oficialmente ao Banco Central que aceita o convite para mandar à Brasília representantes para discutir com autoridades brasileiras novas formas de negociação da dívida externa. É o primeiro sinal concreto de que a estratégia de transformar Brasília no centro das

negociações, até agora feitas em Nova York, poderá dar bons resultados.

O sistema de negociações isoladas tem a finalidade de reconhecer os interesses de cada credor do Brasil. Depois dessas consultas, que o embaixador chama de “uma espécie de pesquisa de opinião”, é possível que as negociações se transfiram para o comitê assessor dos bancos, formado por representantes dos 14 maiores credores do País.

Chefiando uma equipe de cerca de 100 pessoas, subdividida em diversos grupos, o embaixador Jório Dauster quer iniciar ainda neste semestre negociações com o Clube de Paris, ao qual o Brasil deveria pagar este ano cerca de US\$ 4 bilhões.



Célio Jr/AE

Dauster: negociações isoladas